

# UMA PERSPECTIVA DIANTE DO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO SOCIAL SOB O FOCO DE TRÊS CONCEPÇÕES TEÓRICAS

Manuely de Carvalho Silva Chaves <sup>1</sup>  
Karla Araújo Pinheiro de Holanda <sup>2</sup>  
Auricélia Moreira Leite <sup>3</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem por objetivo delinear as relações entre o contexto social e a origem do conhecimento linguístico no processo de aquisição da linguagem sob a perspectiva de algumas abordagens teóricas. Para isso, utilizamos o Estruturalismo, o Gerativismo e a Psicologia do Desenvolvimento. Estas três correntes ressaltam basicamente a realidade social, as propriedades das línguas naturais inatas e os processos que vinculam as concepções individuais e sociais que são propulsoras para mudanças comportamentais. Deste modo, este trabalho propôs uma revisão narrativa de literatura entre os meses de março de 2019 a fevereiro de 2020, através da análise de quatorze textos científicos presentes em bases de dados como o Google Acadêmico, Scielo, BTDD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), Portal da Capes e livros acadêmicos das áreas em questão. A análise destes textos possibilitou construirmos um percurso crítico e profundo de averiguação das questões referentes à aquisição da linguagem e a influência do contexto social nas obras centrais de cada vertente teórica abordada. O que aparentemente era posto em segundo plano, na verdade, constitui uma necessidade substancial para a compreensão eficaz dos estudos da linguagem. Concluímos que a importância do contexto social para o prosseguimento das pesquisas em aquisição da linguagem e compreensão da origem dos fundamentos linguísticos são necessárias e imprescindíveis para a concretização dos estudos das línguas.

**Palavras-chave:** Contexto social. Aquisição da linguagem. Estruturalismo. Gerativismo. Psicologia do desenvolvimento.

## INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de **Pós-Graduação em Linguística** da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [manuelycarvalho@hotmail.com](mailto:manuelycarvalho@hotmail.com);

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de **Pós-Graduação em Linguística** da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, [karlaapinheiro@gmail.com](mailto:karlaapinheiro@gmail.com);

<sup>3</sup> Mestranda do Curso de **Pós-Graduação em Linguística** da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [celialeite.educ@gmail.com](mailto:celialeite.educ@gmail.com)

A compreensão do processo de aquisição da linguagem e a origem do conhecimento linguístico constitui um problema epistemológico discutido ao longo de vários anos por pesquisadores de diversas vertentes da linguística, entretanto sabemos que a noção de linguagem humana foi compreendida inicialmente como algo socialmente construído e compartilhado, de acordo com as correntes estruturalistas que dominaram boa parte do século XX. Essas ideias foram pautadas no modelo comportamentalista, conhecido como Behaviorismo e embasadas na concepção externalista da linguagem (NETO, 2012).

De acordo com o behaviorismo, o desenvolvimento da linguagem humana só seria possível por intermédio de exposições sociais e interacionistas com o meio externo, em que a previsão do comportamento linguístico dos indivíduos era totalmente aceitável. Estudiosos como Skinner (1957) e Bloomfield (1970) defendiam a postura mecanizada da competência linguística, promovida mediante o fomento da interação social dos indivíduos.

Em 1957, Noam Chomsky vem fortalecer a tradição racionalista, instaurando a ideia de que os mecanismos internos à mente humana são mais preponderantes para o processo de aquisição da linguagem do que os aspectos externos. Chomsky (1957) defenderia a existência de uma “faculdade da linguagem”, capacidade interna e biológica, que permitiria ao ser humano o desenvolvimento de sua competência linguística.

Para Chomsky, a capacidade humana de falar e entender uma língua (pelo menos), isto é, o comportamento linguístico dos indivíduos, deve ser compreendida como o resultado de um dispositivo inato, uma capacidade genética, portanto, interna ao organismo humano (e não completamente determinada pelo mundo exterior, como diziam os behavioristas), a qual deve estar fincada na biologia do cérebro/mente da espécie e é destinada a constituir a competência linguística de um falante. Essa disposição inata para a competência linguística é o que ficou conhecido como faculdade da linguagem. (MARTELOTTA, 2008, p.129)

A teoria gerativa proposta por Chomsky (1957) veio rejeitar a concepção de aprendizagem do Behaviorismo que difundia a prática do estímulo-resposta-reforço e atribuía à criança um comportamento inato reduzido. Nessa visão, suas habilidades inatas eram bem gerais, restritas apenas a certas associações.

Com o desenvolvimento do gerativismo, a habilidade linguística humana passou a ser compreendida como o principal aspecto diferenciador entre as espécies, ressaltando a criatividade dos seres humanos em criar expressões infinitas usando um código finito.

Essas novas sentenças são criadas pelo próprio falante e sua capacidade criativa é um ponto considerável para a particularidade da espécie humana (CHOMSKY, 1980).

Dentro da psicologia, instigados a compreenderem a origem do raciocínio lógico, alguns teóricos contribuíram muito a respeito do desenvolvimento humano. Este engloba as mudanças que ocorrem ao longo da vida, afetando as estruturas físicas, mentais, as formas de interação social, entre outros fatores. Esses conhecimentos foram desenvolvidos com o objetivo de elucidar o porquê dessas transformações atingirem os indivíduos de modo universal e particular, além de refletirem a influência do contexto social nos aspectos que envolvem a evolução humana.

Assim, destacamos no ramo da psicologia do desenvolvimento, teóricos como Jean Piaget (2007 e 1967) e Vygotsky (2007 e 1998) que, apesar de não apresentarem uma fonte homogênea nos postulados sobre interação, construíram concepções interessantes sobre o lugar da linguagem no processo cognitivo e trouxeram o preenchimento de muitas lacunas deixadas pelo inatismo e pelas teorias comportamentalistas.

Deste modo, neste artigo, objetivamos expor as concepções da corrente estruturalista, gerativista e da psicologia do desenvolvimento acerca do fenômeno da aquisição da linguagem, ressaltando a influência do contexto social para este processo. Para tanto, realizamos uma breve revisão da literatura em textos traduzidos dos principais autores e estudiosos que fundamentam as teorias supracitadas. Acreditamos que a explanação desses postulados teóricos é importante para um entendimento mais completo a respeito da estruturação dos processos cognitivos, da aquisição da linguagem e do desenvolvimento humano. Assim, organizamos o estudo em seções que abordarão as ideias do Estruturalismo na seção 2, a visão do Gerativismo na seção 3 e a Psicologia do Desenvolvimento na seção 4.

## **METODOLOGIA**

Para a elaboração do estudo utilizou-se uma revisão narrativa de literatura sobre as temáticas Aquisição da Linguagem, teoria Gerativa, Estruturalismo e Psicologia do Desenvolvimento Interacionista, ocorrendo por meio da viabilização de artigos científicos indexados em base de dados nacionais, livros, dissertações e teses.

O levantamento e as análises do material ocorreram entre os meses de março de 2019 a fevereiro de 2020, por meio da consulta a quatorze textos científicos presentes em bases de dados como o Google Acadêmico, Scielo, BTDD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) e Portal da Capes. Como critério de busca foram alocados os descritores: Aquisição da Linguagem, Contexto social, Gerativismo, Estruturalismo e Psicologia do Desenvolvimento.

Para constituir a amostra foram usados critérios de inclusão, como textos no formato de artigos científicos no idioma português, com texto completo disponível, capítulos de livro, dissertações e teses sobre os temas abordados.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **A Aquisição da Linguagem e o Estruturalismo**

Uma das principais premissas da abordagem estruturalista é fazer um estudo imanente da língua, ou seja, “a língua deve ser estudada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 1996), sem maiores preocupações com aquilo que não seja o próprio sistema linguístico, excluindo-se, portanto as relações entre língua, sociedade e cultura. Sendo assim, o propósito para esta pesquisa reside no que antecede o estudo estrutural da língua. Reside, pois em abordar como uma língua é adquirida, sob a perspectiva estruturalista.

Para essa concepção de estudos da linguagem, o que regula o funcionamento do sistema linguístico são normas que “internalizamos desde muito cedo e que começam a se manifestar na fase de aquisição da linguagem” (MARTELOTTA, 2008). No entanto, Saussure (1996) não se demora nas questões sobre a aquisição da linguagem, pois este não era o interesse de seus estudos. Como dito anteriormente, o seu foco concentrava-se na descrição do funcionamento do sistema linguístico. Porém, o contexto social no qual o falante está inserido é primordial para a aquisição e desenvolvimento do sistema linguístico sob o entendimento estruturalista.

Segundo Saussure (1996) a língua é depositada virtualmente no cérebro dos falantes que comungam um mesmo código linguístico por meio de um contato implícito entre os membros de determinada comunidade. Há novamente, um direcionamento para a importância do aspecto social no desenvolvimento de uma manifestação linguística.

Nessa perspectiva, a língua se configura como algo externo ao sujeito, algo que é adquirido por força de uma interação social que se faz necessária para desencadear o processo de aquisição.

Segundo a psicologia behaviorista, corrente que influenciou fortemente o estruturalismo americano, representado por Leonard Bloomfield, a aquisição de uma língua acontecia independentemente de fatores internos, podendo ser compreendida como uma resposta a um estímulo externo.

Nesta perspectiva, a interação de um indivíduo com a comunidade na qual se insere é o elemento primordial para que a capacidade da linguagem se coloque em prática. A comunidade geraria o estímulo e ensinaria ao indivíduo como emitir uma dada resposta, reforçada repetidamente até que esta fosse internalizada. Nesse processo, o estímulo deveria ser visual, ou seja, aprende-se a pronunciar determinado termo, visualizando o seu referente físico.

Sendo assim, o contexto social teria um peso na escolha de quais palavras seriam mais urgentes na aprendizagem, de acordo com a necessidade de cada grupo. Não haveria, portanto, uma uniformidade nos tipos de palavras aprendidas a depender do contexto em que o indivíduo estivesse inserido.

Apontando para essas distinções na forma de representação do mundo por meio da linguagem, Edward Sapir, outro representante da linguística norte-americana do início do século XX, rompe os limites do estruturalismo desenvolvido por Saussure e segue em direção a um conceito de *relativismo linguístico*. De acordo com a sua hipótese, a linguagem é decisiva no modo como organizamos o nosso pensamento e o mundo e por isso mesmo, as línguas apresentam diferentes modos de representar a realidade.

Um dos exemplos mais conhecidos para explicitar a hipótese de Sapir é a variedade de palavras que os esquimós utilizam para identificar os diversos tipos de neve, enquanto nós, brasileiros falantes do português, conhecemos apenas uma palavra: neve. Dessa forma, evidencia-se uma correlação entre a estrutura das línguas e o contexto social, cultural e material de seus falantes, ou seja, os diferentes contextos socioculturais são segmentados de maneiras distintas pelas línguas. Haveria então uma correspondência entre os aspectos lexicais e gramaticais de uma língua e os aspectos culturais e comportamentais.

Em todo o estruturalismo, seja ele europeu ou americano, nota-se que há um espaço em que o contexto é levado em consideração no processo de aquisição de uma língua, mesmo que este tema não seja uma preocupação efetiva dos estudos da língua

enquanto sistema. Dessa forma, não há como apagar a importância de fatores externos e extralinguísticos para a aquisição e efetivação de uma língua.

## A Aquisição da Linguagem e o Gerativismo

O gerativismo foi formulado por Chomsky, ainda nos anos 50, como forma de questionar e rejeitar alguns aspectos da teoria behaviorista - e conseqüentemente do estruturalismo - no que diz respeito à descrição da linguagem como um fenômeno externo ao indivíduo, gerado por meio de um sistema de resposta a estímulos e aprendido por meio da repetição.

O programa gerativo entende a linguagem como uma capacidade interna ao organismo humano, inscrito geneticamente, resultado de um dispositivo inato, não sendo determinado pelo mundo exterior. No entanto, não se pode dizer que o contexto não exerça nenhuma influência no processo de aquisição da linguagem, segundo a teoria gerativa.

Guimarães (2017, p. 282) explica a ativação do dispositivo inato como anterior a qualquer exposição aos atos comunicativos, possibilitando assim, afirmar que nascemos sabendo uma porção da língua materna a que temos contato, sendo esta porção independente da experiência.

O que acontece para a estruturação de uma língua durante o processo de aquisição da linguagem é uma reestruturação das noções iniciais da gramática interna do sujeito diante da experiência. Em suma, o sujeito apresenta fundamentos puros da sua língua. Este, quando exposto ao contato linguístico externo, apresenta uma série de dispositivos de entrada (*input*) que possibilitam a concretização da compreensão linguística através da prática comunicativa. Isto é, torna possível a saída estruturada de uma língua complexa (*output*).

Diferentemente do que é dito no Curso de Linguística Geral (1996), a teoria gerativa defende que o ponto de vista não cria o objeto (GUIMARÃES, 2017). Entretanto, assim como Saussure (1996) o precursor do gerativismo também compreende algumas definições por meio do uso de dicotomias, divergindo apenas no desenvolvimento da articulação. As ideias de correspondência entre as dicotomias das duas teorias constituem-se muitas vezes de paralelos simplificados, podendo gerar uma compreensão equivocada da realidade.

Para Ferdinand Saussure (1996) a *langue* é vista como uma entidade social, concebendo a língua como ‘social e homogênea’, diferindo da *competência* explicitada na teoria gerativa que é vista como também homogênea, porém individual. Deste ponto, portanto, torna-se necessária a conceituação de uma dicotomia para não somente suprir problemas da perspectiva Saussureana (1996), mas adicionar um novo plano contemplativo (GUIMARÃES, 2017).

A língua passa a ser redimensionada em polos complementares não opositivos, isto é, a *Língua - I*, que é interna à mente do sujeito, e a *Língua - E*, externa à mente do sujeito. No processo de aquisição da linguagem “a língua-I terá emergido na mente de uma pessoa, quando a GU tiver retirado do ambiente informações suficientes para a formatação da gramática de uma língua específica” (KENEDY, 2016, p.96).

Por meio da *língua-I* é que se tornaria possível a absorção de um determinado dialeto, este é preterivelmente contemplado por estímulos da língua que existem no ambiente (*língua- E*). “É sob a estimulação de uma língua-E que a GU será capaz de filtrar os dados da experiência de um indivíduo particular de modo a gerar conhecimento linguístico em sua mente” (KENEDY, 2016, p. 96).

Em decorrência desse pensamento, questionamentos surgiram em torno de uma vinculação entre o biológico e o social. O autor Changeux (2012, p. 9), expressa os danos causados pela percepção equivocada que por vezes tenta olhar para o homem como não interligado em suas dimensões existências:

A tradição ocidental estabeleceu uma separação – que eu não hesitaria em qualificar como trágica – entre as ciências do homem e as ciências biológicas, a tal ponto que por muito tempo houve um acordo em opor o biológico ao cultural, a natureza à cultura, os genes à aprendizagem... no homem, o cultural não pode ser pensado sem o biológico e que o cerebral não existe sem uma impregnação poderosa do ambiente.

Essa constatação não exclui a teoria Saussureana (1996) e nem tão pouco prioriza a teoria gerativa, mas dimensiona que cada uma das duas teorias citadas deve ocupar um lugar dentro do escopo da linguística atual. O ser humano em sua constituição complexa e heteróclita acaba por necessitar destas duas vertentes e suas particularidades, para explicar mesmo que seja, a menor parcela de si mesmo.

## A Aquisição da Linguagem e a Psicologia do Desenvolvimento

### Jean William Fritz Piaget

Piaget era biólogo de formação e dedicou grande parte da sua vida à formulação de uma teoria do conhecimento. Essa teoria de cunho construtivista e cognitivista ficou conhecida como epistemologia genética e propõe a explicação do desenvolvimento intelectual nos seres humanos. Segundo ela, toda conduta cognitiva constitui uma ação em todos os níveis do desenvolvimento, isto é, a aprendizagem se dá por meio de experiências concretas que se apoiam em fatores internos e externos inter-relacionados ao indivíduo. Esse processo ocorre de modo progressivo, através de estágios que partem de simples reflexos à percepção e planejamento de determinadas ações. A ideia da divisão em estágios parte da premissa de que os raciocínios são particulares em cada faixa etária.

[...] o desenvolvimento cognitivo passa por períodos, estágios: sensório-motor, pré-operatório, operações concretas e operações formais. Os estágios piagetianos são universais (gerais e invariáveis) e, em cada um, a criança desenvolve capacidades necessárias para o estágio seguinte, provocando mudanças qualitativas no desenvolvimento (FIORIN, 2008, p.222)

O primeiro estágio definido por Piaget (1967) é o Sensório-motor (0- 2 anos). Nele não há capacidade abstrativa, pois, as atividades cognitivas da criança estão relacionadas com os estímulos sensoriais e motores. Nesse período, a interação com o ambiente tem um papel fundamental na promoção do desenvolvimento pleno. A criança passa a interagir com os objetos que fazem parte do seu convívio natural, por meio de acomodações e assimilações, isto é, trata-se de um momento de adaptação ao mundo exterior. No segundo estágio, o Pré-operatório (que se subdivide em egocêntrico e intuitivo /2- 6 anos), o processo de compreensão é intuitivo e não necessariamente reflexivo. A criança parte para o desenvolvimento da representação em que os objetos são percebidos como meios simbólicos, a exemplo de uma caixa de fósforos, que se transforma em um carrinho. Observa-se no terceiro nível evolutivo da cognição humana proposto por Piaget, o Pré-operatório concreto (6- 11 anos), certos padrões comportamentais da criança, bem como a capacidade de operações lógicas mais concretas, como a realização de cálculos matemáticos, por exemplo. No último estágio, o Pré-operatório formal (12 anos), há o surgimento de pensamentos abstratos, a compreensão dos sentimentos, das emoções e é perceptível o reflexo de tais pensamentos no comportamento do indivíduo.

Nos ideais de Piaget (1967), a aquisição da linguagem parte de uma inteligência completa em que a interação da criança com o meio social é o principal impulso neste processo de desenvolvimento. A linguagem é compreendida como uma das formas de cognição que integra uma organização cognitiva mais geral, mas não constitui um papel decisivo no processo de criação do conhecimento: “A linguagem, portanto, é condição necessária, mas não suficiente para a construção de operações lógicas” (Piaget, 1967, p. 92).

Para ele, a criança constrói o conhecimento com base na experiência com o mundo físico, isto é, a fonte do conhecimento está na ação sobre o ambiente. (...) esta interação é entre a criança e o mundo. (...) Seu interesse não é pela linguagem per se, mas a linguagem como porta para a cognição (FIORIN, 2008, p.222).

Assim, entendemos que para Piaget (1967), o fator linguístico não é preponderante na construção intelectual, contudo a linguagem pode ser vista como ponto de equilíbrio entre o desenvolvimento cognitivo e o ambiente linguístico e social.

### **Lev Semyonovich Vygotsky**

Vygotsky (1998; 2007), por meio de sua teoria interacionista sócio histórica concebeu a ideia de que o pensamento é a conversão das relações sociais em elementos psíquicos e que o processo de aquisição da linguagem sobrevém da troca de experiências do sujeito com a cultura ao longo de sua vida. Entretanto, nesse exercício da aprendizagem é necessária a presença de um mediador, para que as relações externas e internas do indivíduo interajam de modo produtivo no curso do desenvolvimento.

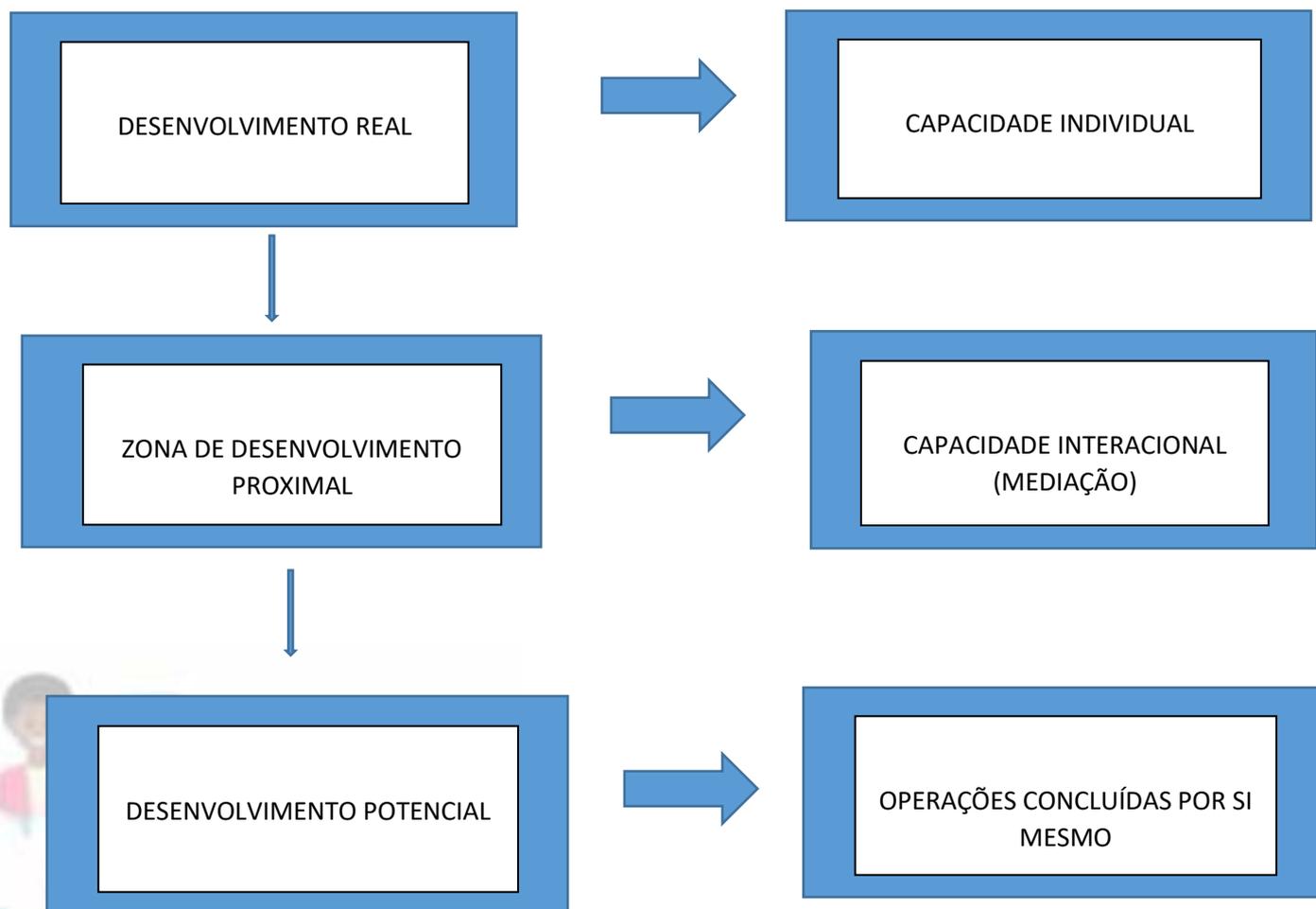
Com relação a compreensão dos aspectos que envolvem a linguagem e o pensamento, é necessário explicitar que para Vygotsky (1998; 2007) eles surgem de modo independente, mas se integram até o aparecimento da fala. Antes dessa integração, a linguagem apresenta duas funções distintas que envolvem a comunicação e a instrumentalização do pensamento.

Na chamada fase Pré-intelectual do pensamento (0- 2 anos), Vygotsky (1998) estabelece como um dos tipos de mediador, o instrumento. Essa noção de intermediação entre o trabalhador e o objeto do seu trabalho carrega a ideia do desenvolvimento cognitivo inicial, sob a forma de inteligência prática. Já na fase Pré-intelectual da linguagem há a emissão de sons, gestos e expressões faciais que servem como alívio

emocional. Nesta fase, a criança não domina a linguagem enquanto sistema simbólico, mas já utiliza manifestações verbais que servem de contato social. A partir daí, através da interação é perceptível um salto qualitativo no desenvolvimento infantil, o que consolida de fato, a união entre o pensamento e a linguagem.

[...] O desenvolvimento dos conceitos, ou dos significados das palavras, pressupõe o desenvolvimento de muitas funções intelectuais: atenção deliberada, memória lógica, abstração, capacidade para comparar e diferenciar (VYGOTSKY, 1998, p.104).

Vygotsky (1998) também elaborou uma espécie de mecanismo do desenvolvimento humano que pode ser ilustrado a partir do esquema abaixo:



Fonte: elaboração própria

Para Vygotsky (1998), os indivíduos nascem no desenvolvimento real, e nele não há possibilidade de interação com o outro, de modo que a criança fica delimitada à sua

própria capacidade individual. No decorrer do percurso de desenvolvimento, o indivíduo alcança a capacidade de interação e atinge a Zona de Desenvolvimento Proximal. Nesta etapa, já é possível a efetivação de operações mais complexas, através do auxílio de um mediador. Ao final, no desenvolvimento potencial, há a potencialidade de ações concluídas a partir de si mesmo, mas existe a necessidade de aprimoramento para a realização de outras atividades em potencial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a investigar como algumas das principais correntes teóricas sobre o desenvolvimento da linguagem compreendem a relação entre o contexto social e a aquisição de uma língua. A partir de uma revisão de literatura proposta inicialmente, pôde-se compreender que, mesmo não sendo o objeto de estudo das correntes aqui abordadas, o contexto social tem um papel relevante no exercício da aquisição da linguagem.

O trabalho partiu da explanação do Estruturalismo, corrente que absorveu muitas ideias comportamentalistas do Behaviorismo e concebeu a noção de língua enquanto sistema homogêneo e exterior ao indivíduo. A língua é compreendida então, como um objeto fundamentalmente social, estudado separado da fala, a partir da interação entre os membros de uma determinada comunidade que partilha do mesmo código linguístico.

Em relação à teoria gerativa é sabido que a linguagem é compreendida como uma capacidade interna ao organismo humano, estabelecida de modo inato. A noção de língua é posta como um sistema de princípios instaurados na mente humana, porém o processo de aquisição de uma língua materna é consequência do amadurecimento desse sistema interno e a interação com o contexto social vai explorar essa competência, culminando na concretização da compreensão linguística do indivíduo.

Na perspectiva da psicologia do desenvolvimento, Piaget e Vygotsky apresentam olhares diferenciados para o papel do contexto social no percurso do desenvolvimento humano. Para Piaget, os fatores internos prevalecem sobre os externos, o que fomenta a concepção do amadurecimento biológico. Nesse processo, o sujeito é colocado como construtor do seu próprio conhecimento. Este, é organizado gradualmente, partindo do individual para o social. Em contrapartida, Vygotsky enxerga o homem, enquanto sujeito

social. Para ele a interação com o mundo constrói no indivíduo suas características pessoais, solidificando a ideia da construção da realidade do meio social para o individual.

Desta forma, acreditamos ter contribuído para a ampliação da discussão acerca do tema, perfazendo um trajeto desde o início dos estudos linguísticos enquanto ciência, no início do século XX, com o estruturalismo, passando pelo construto gerativista em paralelo à teoria desenvolvimentista de Piaget e Vygotsky.

## REFERÊNCIAS

BLOOMFIELD, L. (1970). **Linguistic aspects of science**. Em C. F. Hockett (Ed.), *A Leonard Bloomfield anthology* (pp. 307-321). Bloomington: Indiana University Press. (Reimpresso de *Philosophy of Science*, 2, pp. 499-517, 1935).

CHOMSKY, Noam. *Reflexões sobre a linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1980.

CHOMSKY, Noam (1957). **Syntactic Structures**. The Hague: Mouton.

FIORIN, José Luiz. (Org). **Introdução Linguística: I. Objetos Teóricos**. 5ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

GUIMARÃES, Maximiliano. **Os Fundamentos da Teoria Linguística de Chomsky**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

KENEDY, Eduardo. **Curso Básico de Linguística Gerativa**. 1. ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2016.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

NETO, José Ferrari (Org). **Programa Minimalista em Foco: princípios e debates**. 1ªed. Curitiba: CRV.

PIAGET, J. (1967). **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.

PIAGET, J. (2007). **Epistemologia genética**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo, Cultrix, 1996.

SKINNER, B. F (1957). **Verbal Behavior**. Nova York: Appleton-Century-Crofts.

VYGOTSKY, L. S. (1998). **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.

VYGOTSKY, L. S. (2007). **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes.

